

Visão Geral DCEE COPOM

06 de novembro de 2025

Comitê de Política Econômica (Copom) decidiu, manter a taxa básica de juros, a Selic, em 15% ao ano.

O Comitê de Política Econômica (Copom) decidiu, na quarta-feira (05), manter a taxa básica de juros, a Selic, em 15% ao ano, como era amplamente previsto. O comunicado após a reunião reiterou, em grande parte, os pontos discutidos na reunião de setembro, enfatizando a importância de manter a taxa de juros em seu nível atual "por um período considerável". Esta decisão que foi unânime.

Como tem ocorrido nas reuniões recentes, o Comunicado pós-decisão apresentou poucas alterações. O Comitê prevê que o cenário está se desenvolvendo como esperado. A atividade econômica está diminuindo e a inflação (incluindo os núcleos) esfriou, embora ainda esteja acima da meta. A seguir destaques do comunicado justificando a decisão:

- I. *uma desancoragem das expectativas de inflação por período mais prolongado;*
- II. *uma maior resiliência na inflação de serviços do que a projetada em função de um hiato do produto mais positivo; e*
- III. *uma conjunção de políticas econômicas externa e interna que tenham impacto inflacionário maior que o esperado, por exemplo, por meio de uma taxa de câmbio persistentemente mais depreciada.*

E entre os riscos de baixa da inflação o Copom destacou:

- I. *uma eventual desaceleração da atividade econômica doméstica mais acentuada do que a projetada, tendo impactos sobre o cenário de inflação;*
- II. *uma desaceleração global mais pronunciada decorrente do choque de comércio e de um cenário de maior incerteza; e*
- III. *uma redução nos preços das commodities com efeitos desinflacionários.*

Pontos relevantes da nota

- O Copom manteve a taxa Selic em 15,00%, como esperado.

- O comunicado descreve que o cenário global segue “incerto”, devido à situação e à política econômica dos Estados Unidos,.
- No contexto interno, o Comitê observou que a dinâmica da inflação mostrou sinais de melhora, em virtude das leituras recentes do IPCA mais favoráveis e de uma certa moderação no crescimento econômico. Mesmo assim, o comunicado abordou a situação com prudência, ressaltando que “o mercado de trabalho ainda mostra dinamismo” e que a “a inflação cheia e as medidas subjacentes apresentaram algum arrefecimento, mas mantiveram-se acima da meta”.
- A previsão para o IPCA no horizonte relevante da política monetária (período em que a taxa Selic impacta a economia, segundo trimestre de 2027) caiu ligeiramente de 3,4% para 3,3%, ainda acima da meta de 3,0%. Levando em conta que o cenário-base do Copom inclui uma redução de juros em janeiro (conforme indicado pela trajetória implícita no Boletim Focus), acreditamos que o sinal transmitido indica que essa ação não está no plano de voo atual do Comitê, pelo menos por enquanto.

Fatores importantes no âmbito internacional

- Na reunião mais recente, o Fed cortou a taxa básica em 0,25 p.p., conforme amplamente previsto. Desta forma, movendo a taxa para o intervalo de 3,75% a 4,0% a.a.
- As alterações no comunicado enfatizaram que a atividade econômica continua moderada, o mercado de trabalho apresenta um enfraquecimento e a inflação se mantém alta. Apesar da interrupção na divulgação de estatísticas devido ao shutdown, o Fed admitiu que os dados recentes corroboram essa tendência. A preocupação com o trabalho foi intensificada.
- Na coletiva, Powell adotou uma postura mais hawkish (uma postura mais dura, restritiva e agressiva em relação à política monetária, com foco principal no combate à inflação), destacando que a decisão de dezembro ainda não foi definida, contrariando as expectativas do mercado. Powell reiterou que existem discordâncias internas: alguns membros do Comitê defendem uma pausa para analisar os dados, enquanto outros optam por continuar com cortes graduais.
- A votação expôs discordâncias: Schmid (Kansas Fed) argumentou a favor da manutenção da taxa, ao passo que Miran (Board) respaldou um corte mais significativo de 0,50 p.p.

Avaliação ABIMAQ

A decisão do Banco Central de manter a Selic em 15,0% ao ano, embora amplamente esperada, reforça a continuidade de uma política monetária excessivamente contracionista, que já impõe custos significativos à economia real. O argumento de que é necessário manter os juros em patamar elevado “por período bastante prolongado” para consolidar o processo de desinflação parece descolado das evidências recentes: a inflação segue em trajetória clara de queda, e os núcleos mostram desaceleração consistente. Ainda assim, o país permanece com uma das maiores taxas de juros reais do mundo — cerca de 10,5% ao ano, considerando a inflação esperada — o que sufoca o crédito, desestimula investimentos e compromete a competitividade da indústria nacional, em especial dos setores mais intensivos em capital, como o de máquinas e equipamentos.

O impacto sobre o setor produtivo é direto e profundo. Afetando de forma negativa a competitividade do país e reforça a percepção de um ambiente econômico adverso para o investimento produtivo. A manutenção prolongada desse nível de juros ameaça não apenas o dinamismo da indústria, mas também o mercado de trabalho e a renda das famílias, com reflexos sobre todo o tecido econômico.

O atual patamar da Selic já cumpriu o papel de conter a inflação e começa a produzir efeitos de desaceleração na atividade, indicando que há espaço para um início gradual de flexibilização monetária. A moderação do crescimento, a normalização das expectativas inflacionárias e o menor impulso fiscal deve abrir espaço para uma redução dos juros em 2026, a expectativa atual gira em torno de 11,75% a 12%, patamar ainda elevado. A continuidade de uma política de juros nesses patamares não se sustenta no longo prazo: ela retarda a recuperação da indústria, desestimula a inovação e perpetua um modelo de crescimento baseado em baixa produtividade. O momento exige equilíbrio e visão estratégica — reduzir os juros de forma responsável é condição essencial para destravar investimentos, impulsionar o setor produtivo e recolocar o país em trajetória de crescimento sustentável.

Anexos:

Gráfico 1 – Expectativa de Inflação (IPCA)

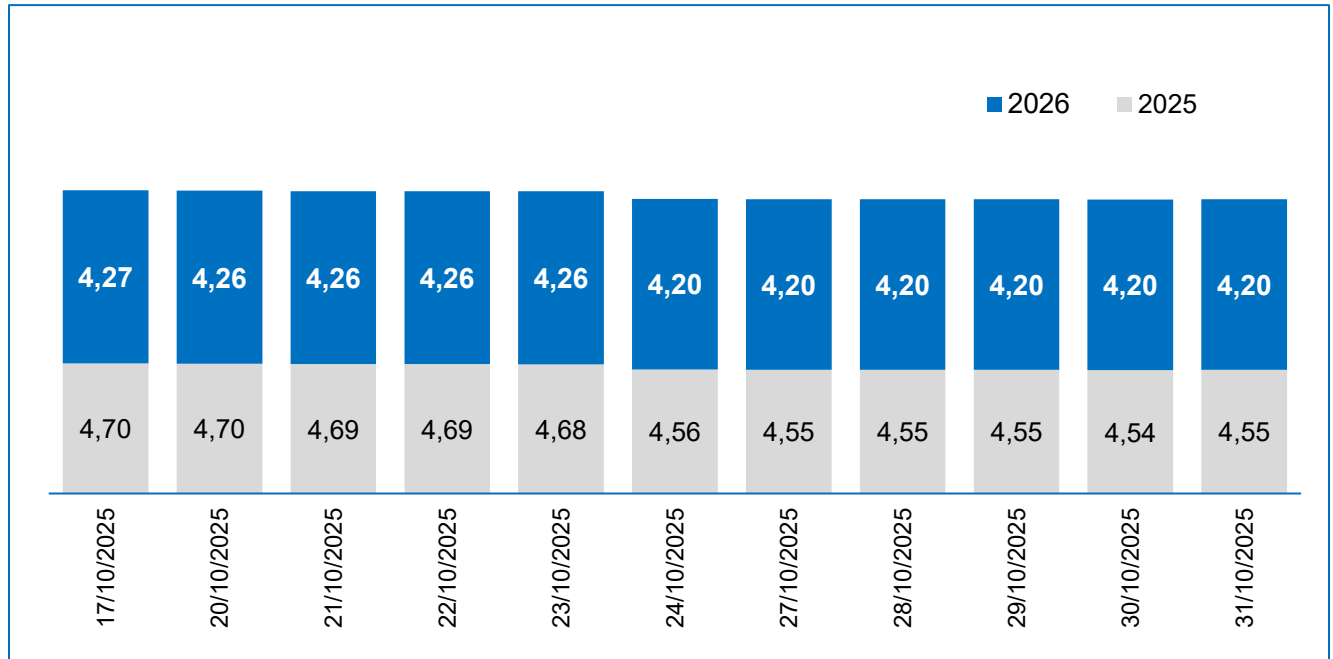
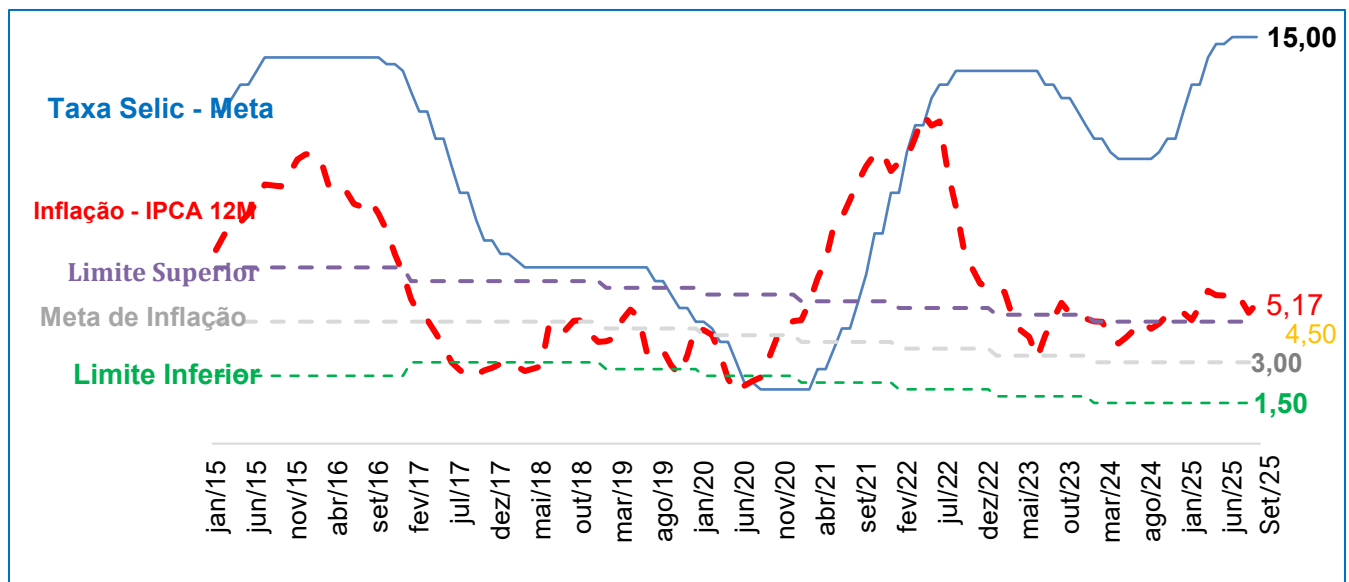
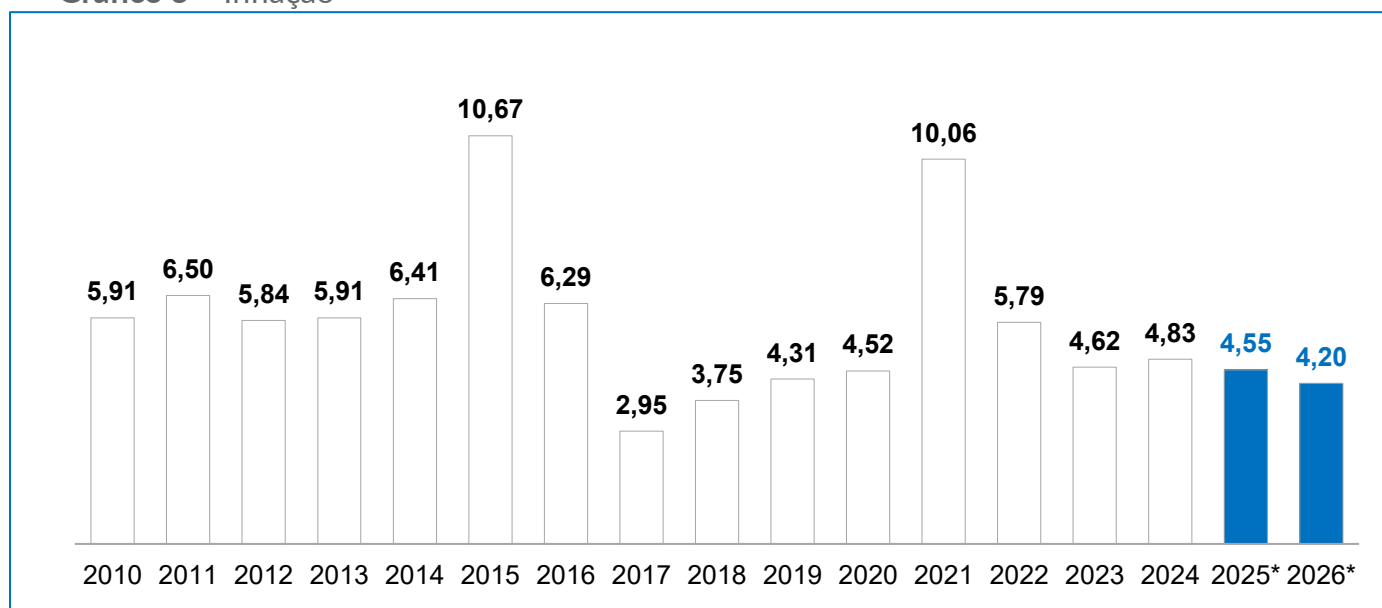


Gráfico 2 – Meta de Inflação



Fonte: IBGE e BCB. Elaboração DCEE-ABIMAQ. Nota: IPCA até set de 2025 (último dado disponível)

Gráfico 3 – Inflação



Fonte: IBGE e BCB. Elaboração DCEE-ABIMAQ. (*) Expectativas de Mercado - Mediana

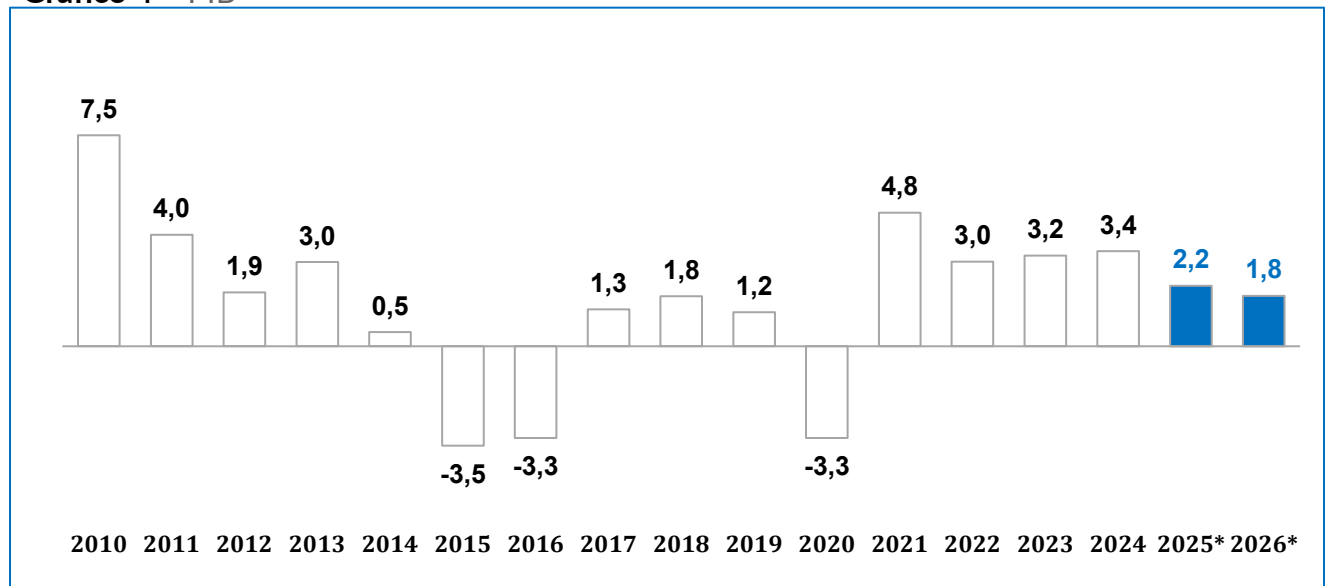
Quadro 1 – Focus (Expectativas de Mercado)

Mediana - agregado	2025				2026			
	Há 4 semanas	Há 1 semana	31-out-25	Comportamento Semanal	Há 4 semanas	Há 1 semana	31-out-25	Comportamento Semanal
PIB (% de crescimento)	2,16	2,16	2,16	=	1,80	1,78	1,78	=
Meta Taxa Selic - fim de período (%a.a.)	15,00	15,00	15,00	=	12,25	12,25	12,25	=
IPCA (%)	4,80	4,56	4,55	▼	4,28	4,20	4,20	=
Taxa de câmbio - fim de período (R\$/US\$)	5,45	5,41	5,41	=	5,53	5,50	5,50	=

Fonte: BCB. Elaboração DCEE-ABIMAQ. (*) Expectativas de Mercado - Mediana

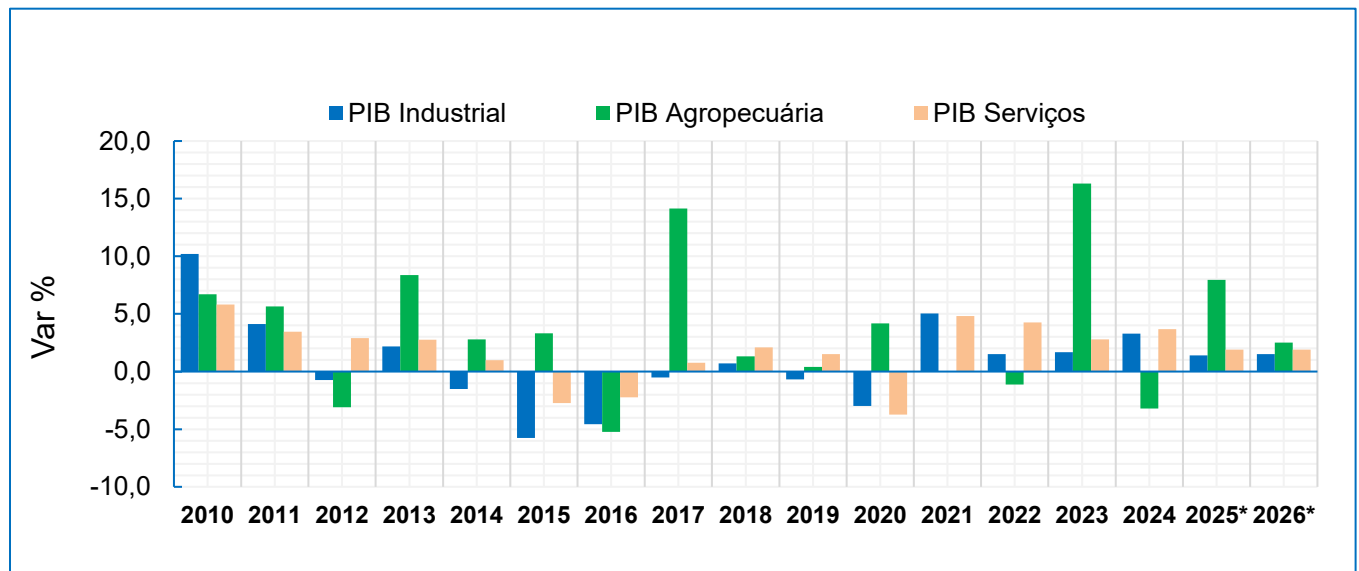
Séries desagregadas Setores

Gráfico 4 – PIB



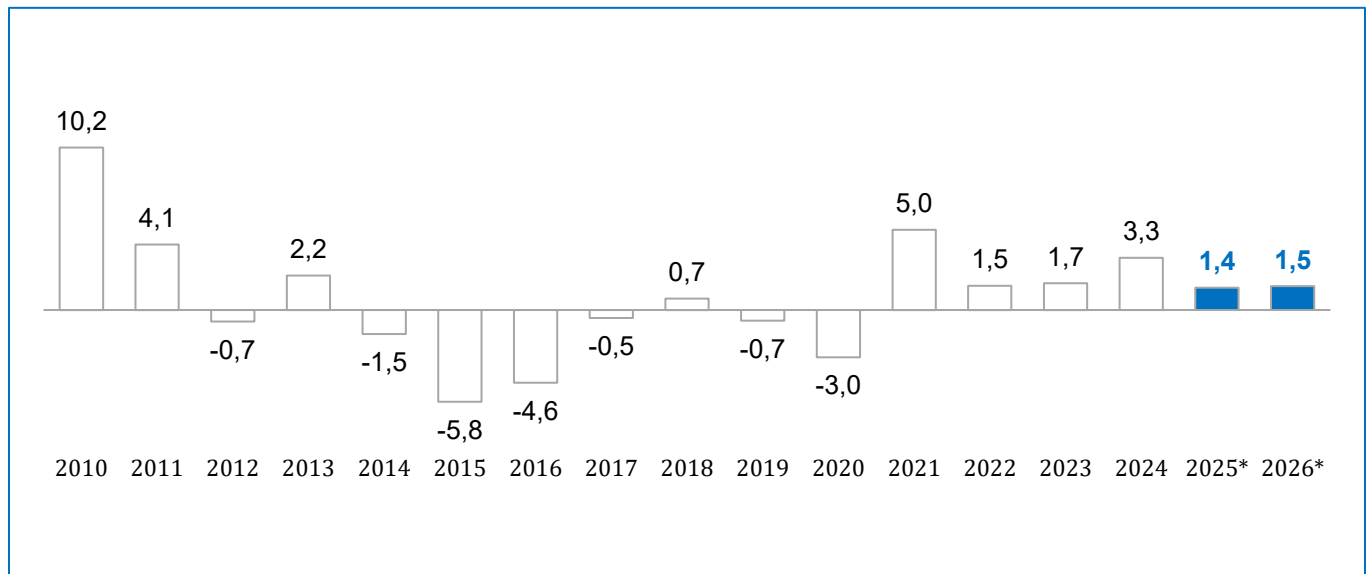
Fonte: IBGE e BCB. Elaboração DCEE-ABIMAQ.

Gráfico 5 – PIB Setorial



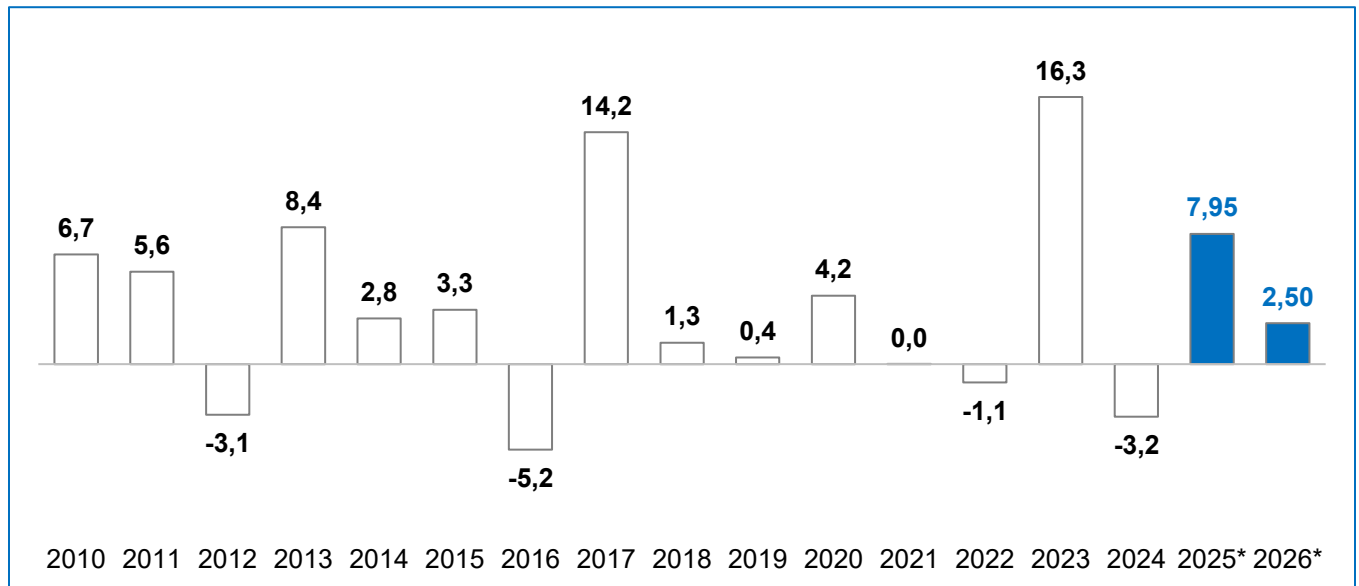
Fonte: IBGE e BCB. Elaboração DCEE-ABIMAQ.

Gráfico 6 – PIB Industrial



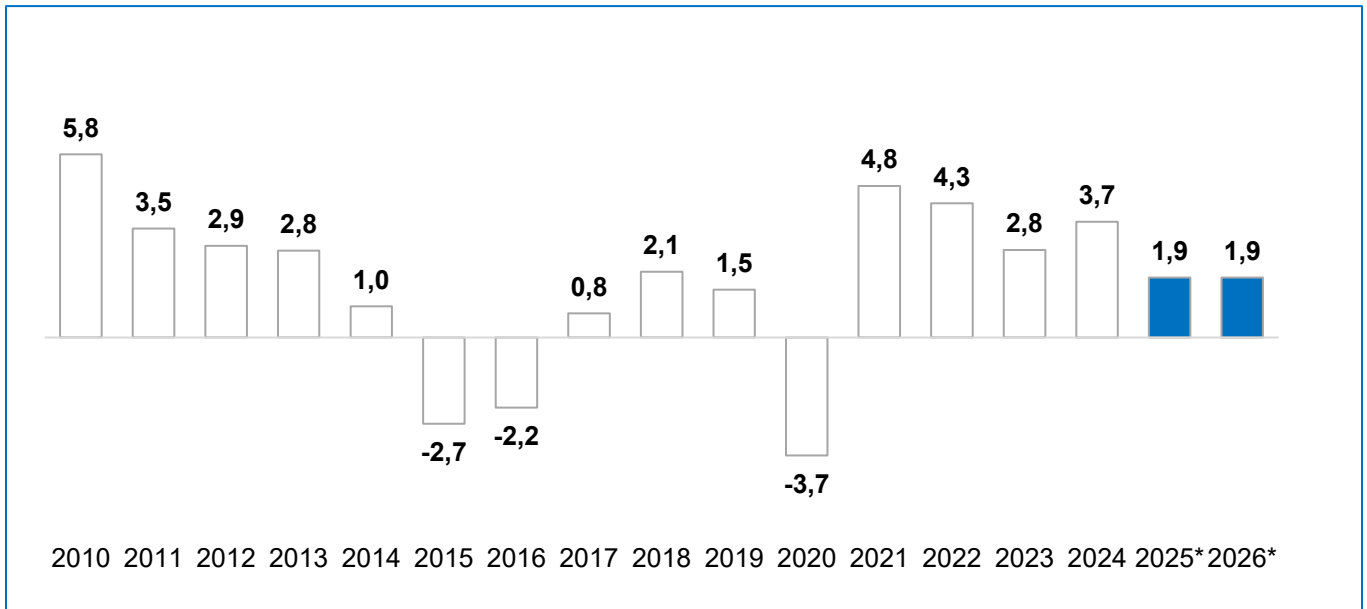
Fonte: IBGE e BCB. Elaboração DCEE-ABIMAQ

Gráfico 7 – PIB Agropecuária



Fonte: IBGE e BCB. Elaboração DCEE-ABIMAQ

Gráfico 8 – PIB Serviços



Fonte: IBGE e BCB. Elaboração DCEE-ABIMAQ

É permitida a reprodução deste texto e dos dados nele contidos, desde que citada a fonte. Reproduções para fins comerciais são proibidas.